



MUSEU E SOCIABILIDADE: O PAPEL DO MUSEU NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E INCENTIVO À CULTURA

Maria do Carmo Vieira de Medeiros¹

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques²

RESUMO

O objetivo dessa comunicação é refletir a respeito das consequências e contribuições à sociedade que um investimento arte-educativo, alicerçado nas práticas museais, pode oferecer. A proposta do artigo é contribuir para as discussões sobre os diversos aspectos do museu como centro de inclusão social e cultural. A valorização das atividades museológicas, na área educativa, vem recebendo uma atenção especial nos últimos anos. O papel principal do museu, na sociedade, é informar e apresentar a herança cultural de um povo. É de extrema relevância incentivar a criação de espaços que promovam diálogos que contestem, mostrem, despertem novas atitudes e repassem informações ao cidadão a respeito das transformações e manifestações culturais e sociais ocorridas em seu ambiente. Diferenciando-se do humanismo tradicional e sua estreita concepção de cultura, o artigo foi desenvolvido sob um raciocínio mais abrangente em relação às produções humanas, isto é, considerando os costumes e atividades artísticas como manifestações puras de cultura, chamando a atenção para suas dimensões políticas e sociais.

Palavras-chave: Arte-Educação, Museologia, Sociedade.

A palavra museu deriva de *Museion* – templo das Musas – que, em Atenas, era um espaço dedicado a uma espécie de guarda-tesouros, ou seja, uma coleção de objetos preciosos destinados aos deuses³. Na Idade Média algumas edificações foram feitas com o intuito de acumular objetos artísticos valiosos, como por exemplo, o museu de São Marcos em Veneza⁴. A noção de museu como um espaço educativo vem crescendo ao longo dos séculos. Apesar disso, o incentivo às artes nas escolas e à prática de atividades educacionais que valorizem a cultura e a individualidade social e material humana são questões pouco colocadas em sala de aula, não contribuindo, ou contribuindo pouco, para que os cidadãos conheçam e valorizem a história de seus lugares de origem e a cultura – material e simbólica, de seus antepassados.

¹ Graduanda do terceiro período no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco, Recife. E-mail: mariamedeiros_vieira@hotmail.com

² Coordenador do Curso de Licenciatura em História da UNICAP. E-mail: lmarques@unicap.br

³ JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a História do Museu**. Disponível em:

< http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf>

⁴ Ibid, p.1



Segundo o ICOM (Conselho Internacional de Museus), o museu deve ser considerado como uma “instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e de seu ambiente”⁵. O ponto principal de nosso texto é analisar, nesta perspectiva, a estreita relação entre educação e museu e indicar como esse relacionamento pode ser vantajoso à sociedade e ao incentivo à cultura.

É necessário dinamizar a articulação entre museu e educação, formulá-la e ativá-la conscientemente nas escolas e universidades. A instituição museal ainda enfrenta dificuldades em difundir sua perspectiva de “espaço pensante” que promova a pesquisa, o resgate e o repasse novas concepções de arte, cultura, história e patrimônio, inclusive o patrimônio vivo⁶. No Recife, por exemplo, o “caboclinho sete flechas” e o “homem da meia noite”, são figuras muito conhecidas popularmente, porém, pouco se sabe e se estuda a respeito de sua representação e fundamentação artística, política ou cultural, na sociedade em si. A necessidade de promover diálogos e propor mudanças na política educacional, utilizando meios subjetivos (como o simples olhar sob o objeto ou organizando diálogos) com fins objetivos (como conhecimento, conscientização, ação social e política, inclusão social, melhoria educacional) é a grande chave do problema.

O PAPEL DO MUSEU NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O museu normalmente é composto por diversas manifestações artísticas, como por exemplo, obras-objetos que singularizem uma herança material de um povo, pinturas com representações históricas, entre outras. Tudo isto, no entanto, é realizado em função de algo fundamental, promover o conhecimento. O saber mobiliza mundos, faz surgir ideias, realizam mudanças. As primeiras instituições ou centros museológicos, no sentido atual do termo e com função pública, começaram a surgir por volta do sec. XIX por influência direta do

⁵ ICOM, 1989

⁶ “Em Pernambuco, a lei do Patrimônio Vivo surge como uma tentativa pioneira, no contexto brasileiro, de instituir no âmbito da administração pública estadual, o instrumento de registro, procurando fomentar diretamente as atividades de pessoas e grupos culturais representantes da cultura popular e tradicional, contribuindo para a perpetuação de suas atividades.” ASCELRAD, Maria. **O Patrimônio Vivo em Contexto**. Pernambuco, Fundarpe, 2010.

fenômeno do Iluminismo. Os primeiros museus eram vistos pela sociedade como um lugar de mistério, as inovadoras ideias iluminadas passam então a promovê-los como um espaço onde tudo era feito em prol da clareza e do conhecimento.

A ação principal do museu ao longo dos anos passa a ser, pois, a de promover a conservação cultural em prol de uma educação extraclasse destinada não somente a alunos e educadores, mas ao público em geral. Porém, se a função do museu é preservar cultura, como situar a função do historiador nessa questão, considerando a cultura como algo receptivo a mudanças? Não somente historiadores, arte-educadores e profissionais da área, mas o povo em geral necessita ser enobrecido culturalmente. É preciso fertilizar um envolvimento social amplo para que haja um interesse e uma reformulação significativa na educação patrimonial.

As grandes vertentes do museu, além da preservação e comunicação se apoiam na conexão com o presente. Em geral, as instituições montam seus projetos sob uma perspectiva pedagógica organizada a partir do contato do público com as obras do acervo. Existem, porém, possibilidades ampliadas de atuação, que analisaremos a seguir.

A ação educativa extramuros desenvolvida pela Pinacoteca do Estado de SP caracteriza-a como um museu que busca uma maior interação entre cultura e cidadão, incentivando reflexões e ações para a formação de um museu que vá além de seus espaços físicos e funções técnicas de salvaguardar e expor material, além de atuar como um espaço que visa representar culturalmente o povo da região paulista.

(...) dar oportunidade de acesso, mas principalmente voz, aos excluídos culturais, é fazê-los interagir de forma significativa com a arte e o museu, de maneira a incorporá-lo ao seu cotidiano, como estopim de uma transformação da consciência crítica no perceber, julgar e agir no mundo⁷.

Essa inter-relação construída a partir de uma iniciativa tão interessante e educativa possibilita, sobretudo, uma nova perspectiva de ação museológica, onde é possível achar arte fora do universo físico do museu. Desta forma, os objetos presentes no museu não extinguem sua relevância no próprio corpo físico ou no espaço do museu, mas apontam para fora de si, para o mundo, para a vida vivida na sociedade⁸.

As práticas educacionais na sociedade possuem a função vital de transformar, mudar, conscientizar. Dessa forma, é importante que haja por parte dos educadores, um incentivo ao diálogo através do qual se possa oferecer ao público uma contextualização histórica

⁷ CHIOVATTO, Milene. Ação extramuros: diminuindo barreiras. In: **Percorrer e Registrar**: Reflexões sobre a ação educativa extramuros da Pinacoteca de São Paulo. São Paulo, 2010.

⁸ CHIOVATTO, Milene. **Museu, imaginação e formação dos sujeitos**: a experiência da Pinacoteca do Estado de São Paulo. São Paulo, 2010.



satisfatória, possibilitando ao visitante um contato mais interessante com as obras. Projetos de inclusão e vitalização cultural através de práticas ligadas a uma iniciativa histórico-cultural, como por exemplo, realização de mesas redondas, oficinas de arte, curso de formação de profissionais arte-educadores, palestras, curso de xilogravuras, manufatura de papel, estética, diálogos semanais através de seminários, passeios a lugares históricos acompanhados por professores são propostas interessantes a serem consideradas. Devem, portanto, serem consideradas como métodos educativos, estabelecendo uma dialética entre obra e mundo.

É através da musealização de objetos, cenários e paisagens que constituam sinais, imagens e símbolos, que o Museu permite ao homem a leitura do mundo. A grande tarefa do museu contemporâneo é, pois, a de permitir esta clara leitura de modo a aguçar e possibilitar a emergência (onde ela não existir) de uma consciência crítica, de tal sorte que a informação passada pelo museu facilite a ação transformadora do Homem⁹.

Portanto, a partir de uma perspectiva histórica, é compreensível que a museologia, – diferente das outras ciências – como disciplina e projeto educacional se estruturam num processo de promover e viabilizar um intercâmbio entre o real e memória, possuindo uma efetiva potencialidade de comunicar-se com a sociedade contemporânea, conectando com o presente e cumprindo cada vez mais sua função no processo identitário de um grupo.

ARTE COMO REPRESENTAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL

As pinturas, as obras e os objetos culturais quando postas no campo exploratório e analítico, possuem a capacidade de despertar no visitante uma intersubjetividade que gera, através de uma investigação, formação de opiniões e conhecimento. A arte, muitas vezes, caracterizada como uma manifestação cultural mediada pela observação e contextualização de um tempo e espaço, é fruto de uma exteriorização de sentimentos, pensamentos e relações.

A arte como produto de uma ação artística, juntamente com sua função de tecer vínculos, desenvolver cognições e articular realidades, configura-se como um artefato primordial da cultura e no museu. É irrefutável a necessidade de utilização da arte na educação básica, sobretudo na formação de uma conscientização patrimonial.

O arte-educador deve estar atualizada com a cena contemporânea para não cair na mesmice dos discursos jogados ao vento em que a superficialidade se instaura. “Como ser um ser social sem saber sobre seu passado, presente,

⁹ GUARNERI, Waldisa Russio Camargo. “Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação”, in: **Revista do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural**, n. 3, 1990, p. 8.



futuro?”. Ao tratar das representações contemporâneas, falamos de um território em constante mutação, contexto no qual até mesmo as identidades individuais podem ser reconstruídas¹⁰.

As obras artísticas encontradas nos museus exercitam um poder de repassar as características de uma época, de uma sociedade. A partir de um conhecimento histórico, é possível mostrar ao visitante, além da origem do material expostos e sua importância cultural, a repercussão política e social que ela provocou. Dessa forma, a exposição abre espaço para uma abordagem museal mais completa, desenvolvendo estratégias de interpretação da época em que o objeto pertenceu e a associação de significados que ela possuía e possui, intensificando, assim, a experiência educacional e intelectual do indivíduo.

A arte como uma colocação política, social e cultural exige uma ampliação das fronteiras institucionais. É necessário incentivar, através da educação artística, crianças e adolescentes à aperfeiçoarem seus olhares críticos, suas percepções de realidade, de mundo, sociedade, Estado, religião, enfim, de si mesmos e suas conjunturas.

A inserção da arte no âmbito educacional não se limita apenas a um universo pedagógico, mas também, a luta por uma conscientização que visa a aniquilação da ignorância, da inocência social, da manipulação política e, sobretudo, da estagnação coletiva.

Partindo do pressuposto de que a arte presente nos museus é fruto de uma seleção da cultura material humana, podemos entendê-la como parte do que somos e como reveladora de como somos, transformando-se em valioso instrumento de autoconhecimento e de conhecimento da sociedade de entorno, podendo contribuir positivamente na formação dos indivíduos¹¹.

Ampliar horizontes, intelectualizar-se em prol da ação consciente e justa, estabelecer vínculos, conhecer mais de si e de seu contexto social é não permitir que “classes perigosas” subjuguem cultura com atitudes excludentes e preconceituosas que só delimitam, priorizam e negam a cultura como um fenômeno vivo e mutável. Cultura popular pode ser cultura erudita e vice-versa.

PROJETOS ATIVOS: AÇÕES MUSEOLÓGICAS DOS QUE AJUDAM A RECONSTRUIR E MOBILIZAR O MUSEU COMO AGENTE EDUCATIVO

¹⁰ LIMA, Joana D’Arc, Trocando experiências: a aventura moderna revisitada na proposta de mediação da mostra Acácio Borsói e os artistas Vicente Do Rego Monteiro e João Câmara In BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 151.

¹¹ CHIOVATTO, Milene. Museu, imaginação e formação dos sujeitos: a experiência da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: < http://www.gedest.unesc.net/seilacs/museuexperiencia_mila.pdf >



Analisando projetos de ação educacional como o do museu PINACOTECA no Estado de SP, sob iniciativa do NAE¹², é interessante perceber algumas medidas museológicas tomadas pela instituição, que, desde o ano 2002, vem realizando programas que desenvolve ações educativas e culturais bastante interessantes. O projeto NAE possui como prioridade aprofundar a relação do público com o museu através de uma perspectiva de inclusão social e incentiva e frequência cultural¹³. O programa já possibilitou diversas novas experiências à diferentes públicos e trabalha com cursos de formação para professores, funcionários do museu, organização de visitas educativas, modo de exposição especial voltada para pessoas com deficiência visual e etc.

Formar professores reflexivos e mobilizar projetos que intensifiquem diálogo e novas concepções estéticas, contextuais, trabalhar com questionamentos e com a história viva, ao que parece, é um dos maiores desafios museais. Trabalhando sob uma perspectiva dialógica, desde ano de 1995, através da união entre a Universidade de Paris e o Serviço Cultural do Museu de Louvre, vem surgindo um novo modelo prático de medição cultural. Incentivado por Claude Fourteau, o modo *in situ*, trata-se de um modo praticado por estudantes, onde ele substitui o modelo convencional realizado por outras instituições pelo modo “conversacional”.

Os jovens visitantes, desde sua chegada são acolhidos pelos alunos de hotelaria que lhes concedem um bilhete de ingresso e lhes orientam. Em seguida, nas salas, eles são convidados a livremente abordar os estudantes disponíveis “*a la carte*” para dialogar com eles “ajudar aqueles que desejam melhor ver as obras” ou “dividir com eles seus conhecimentos e paixões pelos objetos expostos”. Assim, praticando a palavra e o olhar plural, os encontros e os grupos criam-se ao sabor das afinidades e dos percursos visitados¹⁴.

Esses jovens além de se entreterem com os visitantes constroem uma inter-relação, uma interatividade, fazendo de um encontro ao museu uma conversação espontânea e diferente. Além da preocupação básica de como se mediar cultura, é importante que se observe e se detenha atenção a como ela é de fato repassada e como essa operação pode ser de

¹² Atual Núcleo de Ação Educativa. O objetivo do programa é de “desenvolver ações de cunho educacional a partir das obras do acervo, promover qualidade da experiência do público no contato com essas obras e garantir a acessibilidade ao museu (...)” CHIOVATTO, Milene. Ação extramuros: diminuindo barreiras, Reflexões sobre a ação educativa extramuros da Pinacoteca do Estado de São Paulo. São Paulo, 2010.

¹³ Incentivando públicos que não possuem tantas oportunidades de estar conhecendo o museu a tornarem-se frequentadores, garantindo assim, uma acessibilidade educacional e cultural.

¹⁴ JULIEN-CASANOVA, Françoise. Comentários sobre mediação cultural. A prática de um modo-modelo e suas atualizações: as intervenções de tipo conversacional em presença direta. In BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 107.



fato, uma experiência agradável e esclarecedora à serviço da consciência cultural e da sociedade.

Diante das condições que a civilização contemporânea oferece, vêm surgindo novos meios de comunicação de massa (Internet, cinema, televisão, apresentações ilustrativas) e novas maneiras de repassar conhecimento e informação as pessoas. Esses novos meios de conexão provocam alterações no campo museal, o desafiando a novas estratégias e possibilidades de interação com o público. Segundo Susana Gomes da Silva (2006) “como consequência, os museus são confrontados com a necessidade de repensar seu papel, e em última análise, a própria identidade de sua relevância como espaços de construção do conhecimento”¹⁵.

A concepção de museu vem mudando desde a década de 70. O ideal das instituições museais de conceber de forma sistematizada informações, “apressadas e colectivas – de fato em magotes – superficiais”¹⁶ são políticas já ultrapassadas. O avanço do museu e suas “estratégias de promoção de identidades locais e memórias colectiva”¹⁷ vem mobilizando programas e avançando pedagogicamente apesar de que, muito ainda se deve avançar no campo intelectual e na qualidade da visita. Alguns questionamentos a respeito do museu como um espaço educacional alternativo são apresentados por alguns estudiosos como Ana Barbosa ao questionar, “o que estamos querendo dizer quando falamos que os museus são espaços de educação não formal? Como definir estes espaços? O que distinguiria um espaço formal de um não formal?”¹⁸ Para tais colocações, Gohn, destaca:

A educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos munitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão

¹⁵ SILVA, Gomes Susana, Para além do olhar: construção e a negociação de significados pela educação museal In BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009, p.122.

¹⁶ OLIVEIRA, Ernesto, Apontamentos sobre museologia, *Museus Etnográficos*. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos de Antropologia Cultural: Lisboa, 1971.

¹⁷ GOMES, Rui; MARTINHO, Teresa. Trabalho e Qualificações nas actividades culturais. Disponível em: <http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas14_ecran.pdf>

¹⁸ BARBOSA, Ana, Arte-Educação em um museu de arte. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>



do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.¹⁹

Espera-se dessa forma, que intensifiquem as exposições e suas interações bem como os desejos e as curiosidades dos visitantes. A educação patrimonial é uma fonte de enriquecimento e conhecimento tanto coletivo como individual, sendo de valor ímpar no processo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se construir uma sociedade reflexiva e igualitária é preciso que haja liberdade ao conhecimento, acessibilidade e justiça. Além de necessariamente realizar exercícios de cidadania como práticos de inclusão cultural e social, o apoio ao museu por parte dos professores, escolas, universidade e centros sociais também devem ser intensificadas regularmente.

A educação patrimonial facilita a interpretação cultural e pode se passar de diversas formas. Disseminar o ideal de museu como espaço vivo que garante e fortalece a história de um povo e suas tradições é conceber cultura e intelecto a esta sociedade. A valorização e preservação do bem cultural e da herança material e imaterial vai além de sua importância física. Sendo assim, a obra é considerada como bem cultural a partir do valor simbólico que ela carrega na sociedade em que está inserida e é a partir desta constatação que o museu deve se basear ao repassar suas artes ao público.

Na realização do trabalho foi possível perceber, portanto que, a busca e a preservação de obras-objetos, exposições de arte, esculturas e outros materiais específicos de um museu, testemunham, sobretudo, um contexto histórico de uma sociedade e é, a partir dessa noção de museu, que a proposta de receber pessoas a ir além da interação técnica da obra exposta e do olhar curioso é tão fundamental e complexo. Retirar o museu de um plano fictício é permitir que este cumpra sua função no processo de identidade de um grupo apoiando sua conexão com o presente.

A partir disto, constatou-se a importância da valorização da educação patrimonial assim como a necessidade de um incentivo a visitação museal juntamente com o aperfeiçoamento e o compromisso destas instituições em, principalmente, fazer educação. Dar

¹⁹ GOHN, da Glória Maria, A Educação Não-Formal: Campos e problemas. Disponível em: <www.kinderland.com.br/anexo%5C40920052337687.doc>



esta função ao museu é não reduzi-lo à função meramente informacional, mas principalmente oferecer novas técnicas à arte-educadores, os auxiliando assim, a cumprirem seu papel básico de facilitar a comunicação do público com as obras, além de orientar interpretações e levantar discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Alice Maria. Patrimônios de Pernambuco. Fundarpe, 2010.

BARBORA, Ana Mae, Arte-Educação em um museu de arte. Disponível em:
<http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.

CHIOVATTO, Milene. Ação extramuros: diminuindo barreiras. Publicado no Percorrer e Registrar – Reflexões sobre a ação educativa extramuros da Pinacoteca de São Paulo. São Paulo: 2010.

CHIOVATTO, Milene. Museu, imaginação e formação dos sujeitos: a experiência da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em:<http://www.gedest.unesc.net/seilacs/museuexperiencia_mila.pdf>

Disponível em: < http://www.oac.pt/pdfs/OBS_Pesquisas14_ecran.pdf>

GIROUX, HENRY A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Arte Médicas, 1997

GOHN, da Glória Maria, A Educação Não-Formal: Campos e problemas. Disponível em:
<www.kinderland.com.br/anexo%5C40920052337687.doc>

GOMES, Rui; MARTINHO, Teresa. Trabalho e Qualificações nas actividades culturais.

GUARNERI, Waldisa Russio Camargo. “Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação”, in: **Revista do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural**, n. 3, 1990..

JULIÃO, Letícia, Apontamentos sobre a História do Museu. Disponível em:
<http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf>

JULIEN-CASANOVA, Françoise. Comentários sobre mediação cultural. A prática de um modo-modelo e suas atualizações: as intervenções de tipo conversacional em presença direta. In BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.



OLIVEIRA, Ernesto, Apontamentos sobre museologia, Museus Etnográficos. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos de Antropologia Cultural: Lisboa , 1971.

SILVA, Gomes Susana, Para além do olhar: construção e a negociação de significados pela educação museal In BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). *Arte como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.